

direção exatamente paralela à distância de um intervalo dado; 3. o movimento *obliquo*, quando o *cantus firmus* se mantém imóvel enquanto o contraponto segue uma direção dada. É evidente que música nenhuma pode ser dita estritamente contrapontística ou estritamente harmônica: toda música depende necessariamente de características horizontais e verticais. Quando a preponderância se manifesta mais especialmente numa direção que em outra, podemos dizer, então, que a música é harmônica ou que é contrapontística. A medida que a música foi evoluindo, essas duas tendências foram se interpenetrando cada vez mais para dar origem a uma espécie de estilo livre, com numerosos graus de variação entre a homofonia pura e a polifonia pura. No primeiro caso, música *homofônica*, pode-se citar o exemplo típico da melodia acompanhada; no segundo caso, música *polifônica*, pode-se citar a escrita canônica estrita. Em consequência da perda considerável do senso rítmico na Europa (desde a Idade Média) só se estudou a evolução do contraponto do ponto de vista melódico, ou, de modo mais generalizado, através das alturas. O ritmo é um dos elementos mais característicos e mais decisivos nessa evolução: a condução das vozes não leva à sua independência real senão quando se tem o cuidado de diversificar as características rítmicas tanto quanto as melódicas; foi isto, aliás, que entre outras coisas fez a força da *Ars Nova*.

A história do contraponto se divide em vários períodos: 1. o nascimento do *organum* (Leonino, Perotino); 2. a *Ars Antiqua* e a *Ars Nova*; 3. o Renascimento e a *Idade de Ouro* do contraponto; 4. os períodos *barroco* e *clássico*; 5. a evolução contemporânea. Esta classificação apresenta uma certa comodidade para a análise da evolução da escrita, mas não se devem esquecer as numerosas interferências que se podem produzir entre as diferentes correntes históricas e as diferentes formas do pensamento criador.

1. O tipo de contraponto mais antigo é o *organum*: ele era a princípio a duas vozes, baseado na quarta e na quinta como intervalos consonantes, além do uníssono e da oitava. A evolução do *organum* se orientou para uma maior independência da voz superior com relação ao *cantus firmus*. A escola de Notre-Dame tornou-se célebre pela beleza e pela flexibilidade de seus contrapontos: é ela que está na origem de todo o futuro desenvolvimento da música. Situa-se, geralmente, por volta de 1200 a transformação do *organum* duplo (a duas vozes) em *organum* triplo (a três vozes); ocasionalmente pode-se encontrar um *organum* quádruplo. Neste período tardio, raramente contamos a sexta entre os intervalos empregados, enquanto a terça, ao contrário do que muitos afirmam, é muito usada, salvo na cadência final que é sempre num acorde com a oitava e a quinta vazias.